

Relação teoria e prática como condição fundamental para ultrapassagem do imediatismo profissional

Ana Cláudia de Jesus Barreto¹

Marco Aurélio Silva de Souza²

Verônica Aparecida de Paula Sousa³

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir como a junção teoria e prática poder ser efetiva para a ultrapassagem do imediatismo profissional em meio às correlações de forças apresentadas ao assistente social no cenário neoliberal. Nesse sentido, estarão sendo explanados alguns exemplos de aspectos teórico-práticos no sentido de exemplificar a vitalidade e a indissociabilidade desta junção.

Palavras-chave: Prática profissional. Pragmatismo. Marxismo. Dialética.

Abstract

The goal of this article is to reflect how the union of theory and practice can be effective to surpass professional immediacy among interaction of forces presented to the social worker in a neoliberal scenario. Therefore, some examples of theoretical-practical aspects will be explained in order to exemplify the vitality and indivisibility of this union.

Keywords: Professional practice. Pragmatism. Marxism. Dialectic.

1 Assistente Social e Docente do curso de Serviço Social da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG - Unidade Carangola.

2 Graduado em Serviço Social pela Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG - Unidade Carangola.

3 Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG - Unidade Carangola.

1 Introdução

A ação profissional do assistente social se efetiva sob o vínculo de dois produtos do modo de produção capitalista. O primeiro refere-se à sua condição de trabalhador assalariado, ou seja, se ele vende sua força de trabalho é justo que receba a remuneração pelo seu serviço. O segundo diz respeito àquilo que o sistema segue produzindo pela exploração da força de trabalho, as expressões da questão social, que se transformam em demandas para a atuação profissional, isto é, seu objeto de trabalho.

Estes dois produtos sofrem recrudescimentos toda vez que se articula uma nova reorientação do sistema, repercutindo, assim, sobre a profissão do Serviço Social. Estas determinações, além de afetarem as condições de trabalho do assistente social e da classe trabalhadora, redimensionarão as sequelas das várias expressões da questão social.

É exatamente isso que tem ocorrido diante das novas diretrizes políticas e as alterações econômicas neoliberais a partir da década de 1990. São os desdobramentos dessas articulações capitalistas no Brasil que vão afetar as condições de trabalho do assistente social. O pragmatismo profissional vai encontrar nesse terreno condições favoráveis para a sua materialização e, principalmente, será aceito por muitos profissionais como indissociável da prática profissional.

Para uma compreensão mais acurada desses condicionantes foi realizada uma pesquisa de campo com alguns assistentes sociais que atuam nos espaços sócio-ocupacionais no município de Carangola-MG. A análise da pesquisa pretendeu entender até que ponto as demandas oriundas das correlações de forças interferem nas ações profissionais, quais as causas que fortalecem o discurso dicotômico entre teoria e prática e, sobretudo, compreender quais ações profissionais fundamentadas na relação teoria/prática estão sendo efetivas para a ultrapassagem do pragmatismo profissional.

Depois de levantadas todas estas informações, desenvolveram-se várias questões dispostas em questionários, destinadas aos profissionais do Serviço Social das áreas da Assistência Social, Saúde e Saúde Mental, os quais trabalham nas diversas instituições presentes no referido município. No decurso das entrevistas, todos os objetivos foram apresentados aos profissionais e foi realçado - acima de tudo - o compromisso de não ferir a ética que norteia a profissão.

2 Pressupostos que fundamentam, fortalecem e influenciam o pragmatismo profissional na contemporaneidade

Diante da grande conquista que precipitou a ruptura com as bases conservadoras que norteavam as ações profissionais, no que tange a prática profissional ela ainda continua sujeita a muitos entraves. Se, por um lado, ela ainda carrega traços do conservadorismo que marcou a profissão até o final da década de 1980, por outro, sofre pressões contemporâneas e peculiares às novas diretrizes políticas e econômicas que adentraram no país a partir da década de 1990.

O Serviço Social, inserido na divisão sociotécnica do trabalho, tem sua atividade profissional realizada através “da mediação do trabalho assalariado, que tem na esfera do Estado e nos organismos privados – empresariais ou não – os pilares de maior sustentação dos espaços ocupacionais desse profissional [...]” (IAMAMOTO, 2009, p. 08). Embora o assistente social seja um profissional liberal, ele se insere “desde sua emergência, no interior dos equipamentos socioassistenciais existentes” (YAZBEK, 2009, p. 13).

Devido a isso, o assistente social, como trabalhador assalariado, também sofre os impactos juntamente com a classe usuária dos seus serviços diante de qualquer direção do capital que vise à perpetuação de sua existência. São os desdobramentos destas articulações capitalistas no Brasil que vão afetar as condições de trabalho do assistente social impondo vários desafios a estes profissionais. Por causa disso, estes desafios, poderão se transformar em pressupostos que influenciam, fundamentam e fortalecem o pragmatismo em sua prática profissional, bem como poderão roubar dele, tanto as possibilidades que sua relativa autonomia lhe confere quanto dificultar a materialização da direção ético-política que sustenta o seu projeto profissional.

São muitas as carências e precariedades no contexto onde se requisita a materialização de sua prática. O seu trabalho é constantemente exercido com ausência de “verbas e recursos das instituições prestadoras de serviços sociais públicos” (IAMAMOTO, 1998, p. 160); inadequadas condições estruturais; falta de materiais para escritório: como arquivos, telefone, computadores, internet, impressoras e recursos para os serviços prestados; transporte quase sempre indisponível; inexistência de privacidade, ou seja, uma sala para o atendimento individual onde o usuário se sinta à vontade sem constrangimento e tenha o seu sigilo pessoal preservado.

Outro componente medular das condições de trabalho do assistente social é a compreensão da Questão Social como produto da contradição capital versus trabalho. Entretanto, a Questão Social não se apresenta na realidade social de maneira estanque, mas constante, heterogeneizada e particularizada em muitas expressões, todavia, é exatamente nesse ambiente que se materializa o trabalho do assistente social.

Um campo contraditório das relações sociais e que produz, tanto um estado de resistência quanto das variadas consequências da Questão Social: exploração, desemprego, miséria, segregação social, exclusão generalizada, violência, restrição à saúde, ao trabalho, à escola etc., e que constituem as demandas de trabalho dos profissionais. É neste universo tenso que conjuga desigualdade e rebeldia que se efetua a prática dos “assistentes sociais, situados neste terreno movido por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou fugir deles” (IAMAMOTO, 1998, p. 28).

Para tanto, a questão social, devido às novas orientações do ideário neoliberal, tem passado por um constante recrudescimento, ampliando, assim, suas expressões. A classe usuária dos serviços executados pelos assistentes sociais é a que mais sente estas modificações e, conseqüentemente, trazem determinados reflexos sobre a prática profissional, aumentando bruscamente a busca por serviços sociais:

A maioria, desprovida de todas as necessidades básicas para continuar sobrevivendo, passou a conviver com a miséria em diversos sentidos. A intensificação do desemprego e situação de vulnerabilidade, imbricadas em suas determinações cotidianas, estão agravando a situação dos trabalhadores e de seus familiares, causando rupturas profundas em alguns segmentos sociais, ampliando o grau de miserabilidade e destruindo relações humanas [...] (CAVALCANTI; PREDES, 2010, p. 8).

Nesse cenário, as ações desenvolvidas pelo Estado são convergidas com o objetivo de atender os setores mais vulneráveis da população, ou seja, no âmbito apenas da “responsabilidade no alívio da pobreza extrema” (IAMAMOTO, 2009, p. 2). Assim, os direitos universais básicos como saúde, previdência, educação e moradia, necessárias à condição de sobrevivência dos menos favorecidos, transferem-se para o mercado fortalecendo a lógica das privatizações dos setores sociais alimentando a tese ideológica “de que o bom é

o que é privado, mas que só está ao alcance daqueles que têm condições de pagar por ele” (CAVALCANTI; PREDES, 2010, p. 10).

Logo, por estarem envoltos com as próprias demandas - com as das instituições, as procedentes da Questão Social, da precariedade do trabalho e das condições precárias das políticas sociais - em muitos casos, os profissionais são pressionados ao atendimento imediato e desvinculados de uma análise total da realidade social. Enquanto trabalhador assalariado que precisa do ganho do trabalho para sobreviver e, concomitante a isso, precisa atender as demandas da fonte pagadora, dos seus usuários e sob as várias condições descritas acima, dentre outras, quase sempre precisam “fazer o que podem e, assim, enfrentam cotidianamente as mesmas demandas sem, contudo, questionar [...] as origens do problema” (CASSIN, 2015, p. 02).

3 A prática profissional em meio às correlações de forças

Inicialmente, é preciso compreender as correlações de forças que se apresentam ao profissional - sendo estas produtos dos seres sociais de maneira coletiva “mediante o trabalho - que produziram-se a si mesmos (isto é, se autoproduziram como resultado de sua própria atividade), tornando-se [...] seres sociais” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 37). Assim, através do trabalho, reproduzem-se, estabelecem vínculos e comunicações, mas também obrigam outros a realizar, sob suas ordens, tantas outras atividades.

Dessa forma, o trabalho humano de acordo com Netto; Braz (2006), não somente modifica e altera a natureza, mas ocasiona no próprio homem críticos e determinados resultados que afetam também a forma como eles se organizam em sociedade. Devido a isso, a realidade social deixa de ser uma categoria imóvel, ao contrário, ela se mantém em contínuo e ininterrupto processo carregando constantemente seus antagonismos construídos historicamente pela vida humana em sociedade. E, assim, o ser social permanece envolto em um complexo de complexos, pois é assim que a realidade se expressa trazendo consigo suas contradições sócio-históricas de um viver em sociedade.

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidencia, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade (KOSIK, 1986, p. 11).

Como se pôde observar, o fenômeno é parte integrante da essência e somente a expressa de forma fragmentada. Percebe-se, então, que a realidade está saturada de fenômenos e eles não são integrantes de uma distinta concreticidade. Por isso, para se decifrar a essência, em última análise, é preciso muito mais do que uma ação pautada no imediatismo para a sua interpretação.

Devido à complexificação dos fenômenos em todos os âmbitos onde atua o assistente social, torna-se imprescindível ao profissional o compromisso constante de decifrar a realidade ou, no mínimo, construir uma aproximação ao objeto do conhecimento através de uma perspectiva dialética. Nesse sentido, Marx (1982) aponta que a totalidade social se constituiu como ponto inicial de análise e não a observação epidérmica, imediata, rasa e superficial. O que se pretende dizer é que a averiguação não deve ser somente a partir do fenômeno solitário e isolado, mas através de uma busca focada em descobrir o real.

No que diz respeito à análise dos fenômenos, existe uma tendência profissional que se relaciona ao modo como o assistente social se debruça sobre os fenômenos com o objetivo de decifrá-los⁴. Nem sempre é feito um retorno ao ponto de partida no sentido de construir melhor as objetivações para a prática interventiva, ou melhor, “não se busca conhecer nem como o fenômeno se manifesta nos sujeitos, nem as possibilidades de intervenção [...]” (SANTOS, 2010, p. 29).

Para que isso se efetive, segundo Santos (2010), é necessário entender que os fenômenos são caracterizados em duplo sentido: por um lado são instrumentos importantes de conhecimento e, por outro, são instrumentos que podem viabilizar a intervenção. Desse modo, será preciso desvendá-los a luz da teoria e da prática.

Os conhecimentos, técnicas e habilidades adquiridas por esta via, incorporam-se ao profissional dando-lhe mais subsídios para suas mediações, a fim de alcançar as propostas “profissionais (...). Na medida em que os profissionais utilizam, criam, adéquam as condições existentes, transformando-as em meios/instrumentos para a objetivação das intencionalidades” (GUERRA, 2000, p. 02).

São essas as condições dadas que possibilitam ao profissional modificar, alterar e transformar a realidade. Estes meios não se manifestam por uma ação irrefletida e imediatista, pelo contrário, o pragmatismo pode ocultá-los internando-os ainda mais nas teias das relações mistificando as correlações de forças. É necessário, portanto, para uma ação profissional, que interfira na realidade, entender o ser na sua processualidade em todas as suas mediações e correlações, pois “nenhum assistente social pode pretender qualquer nível de competência profissional se ignorar as determinações da dinâmica social concreta e do movimento do real” (CASSIN, 2015, p. 12). Não obstante aos muitos enfrentamentos postos, é que o profissional precisa estar atualizado, conciliando teoria e prática em suas ações.

4 A junção teoria e prática para a ultrapassagem do pragmatismo profissional

Antes da década de 1990, acreditava-se que a teoria marxista, isto é, “o método dialético materialista era excelente como instrumento de análise da realidade, mas não instrumentaliza para a prática” (JUNQUEIRA apud SANTOS, 2010). Este era um pensamento recorrente no Serviço Social nesse período. Embora o Serviço Social já contasse com a apropriação do método dialético de Marx, ainda assim havia uma fratura entre a teoria e a prática. Apesar dos muitos debates literários existentes, onde muitos profissionais refutavam essa ideia, no entanto, o conservadorismo residual na profissão insistia em segmentar a teoria da prática.

Aqueles que eram contrários à esta dicotômica lógica, defendiam que a prática e a teoria formam uma unidade indissociável e são expressas nas práxis, afirmando que o conhecimento teórico juntamente ao da realidade são condições fundamentais para realizar uma efetiva intervenção, (SANTOS, 2010). É o que constitui as condições para uma prática profissional interventiva. As dimensões: ético-política, teórico-metológica e técnico-operativa. Estas dimensões, construídas historicamente pela categoria no decorrer dos anos, são princípios que não podem deixar de ser acessados pelos profissionais, pois são dimensões

4 Cláudia Mônica dos Santos afirma que esta é uma tendência no meio profissional quando o assistente social está fazendo a análise do fenômeno. Segundo a autora, “há uma tendência no profissional do Serviço Social que é a de não fazer o caminho de volta” (SANTOS, 2010, p. 29).

fundamentais para o exercício profissional e constituem em elementos que precisam ser materializados na cotidianidade.

É fundamental salientar que existe uma prática social que condiz com a ideologia dominante e esta ideologia pode se chamar de teoria que se reproduz e materializa-se nas práxis, segundo os interesses burgueses. Segundo Vasquez (1990), esta atividade prática resulta em mudanças concretas na realidade, pois, o pensamento do sistema hegemônico procura encobrir insistentemente as possibilidades de enfrentamento para sua superação.

Por este motivo, a falta de assimilação da relação entre teoria e prática por parte de muitos assistentes sociais - além de limitar as possibilidades de intervenção - trouxe e continua trazendo perdas significativas às ações profissionais. Nesse sentido, apresentam-se, inequivocamente, dois estágios nas ações profissionais que contribuem para o imediatismo profissional: o distanciamento dos saberes apreendidos pela categoria e, de acordo com Santos (2010), o simples uso deles para somente interpretar o real.

A teoria possibilita a leitura do real e torna-se condição para sua ultrapassagem, porém “ler e interpretar o objeto de conhecimento não é, conseqüentemente, proceder à mudança” (SANTOS, 2010, p.27). Entende-se, no conceito supracitado, que a teoria não é suficiente por ela mesma para promover a alteração da realidade, ou seja, não implica necessariamente a sua transformação. Dessa forma, é necessária a relação da teoria e da prática para que se promova a transformação da realidade.

Se por um lado existe a necessidade de assimilação da teoria, por outro é fundamental torná-la prática, ou seja, materializando-a através das muitas mediações concretas aquilo que se encontrava apenas idealmente, tanto no que diz respeito à apreensão da realidade quanto à sua transformação.

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Neste sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação (VASQUEZ apud TINTI, 2015, p. 99).

De acordo com Miotto; Xavier (2014), muitos profissionais ancoraram-se na concepção de que a profissão ao se apropriar da teoria social de Marx e, por conseguinte, romper-se com o conservadorismo profissional, adquiriu uma teoria que pode de maneira imediata transformar a realidade. Nesse caso, o equívoco se relaciona na “compreensão de que a teoria de ruptura é igual à prática de ruptura, há uma passagem direta da teoria para a prática, como num processo de transformação imediata” (MIOTTO; XAVIER, 2013, p. 359).

Portanto, quando o assistente social usa a teoria para interpretar o real e a mudança não ocorre imediatamente, ele sustenta o discurso que dicotomiza a relação entre teoria e prática e, por causa disso, as tarefas que fazem parte de seu trabalho e que são necessárias, tais como preenchimentos de relatórios; encaminhamentos; visitas para averiguação de condicionalidades; reuniões com gestores; entregas de bens assistenciais e diversos outros serviços, passam a ser a única prática substancial de seu trabalho.

Por este motivo, a robotização, ou melhor, a mecanicidade destas execuções condiciona a consciência desses profissionais conduzindo-os ao fatalismo, ou seja, levando-os ao consentimento passivo de que a forma como a realidade se apresenta não pode ser alterada. O saber profissional passa a ser visto como algo sem valor. Ainda que exista o discurso de sua apreensão acadêmica, contudo, a materialização do mesmo perece ante a prática diária pautada através de outro conhecimento válido que envolve o profissional no seu espaço de trabalho.

Segundo Coelho (2011), muitos profissionais dão sentido às suas ações somente baseados no empirismo pessoal da vida prática, desconsiderando a teoria, ou melhor, os recursos adquiridos quanto à formação qualificada no decorrer dos anos universitários. Essa impugnação à teoria, que interfere na atuação profissional, demonstra o quanto a ideologia burguesa que permeia a sociedade de classes insiste em distanciar a teoria da prática. Essa cisão favorece a manutenção do sistema capitalista, pois “potencializa a alienação e a reificação das relações sociais” (SANTIAGO; GONÇALVES, 2012, p. 08).

Não restam dúvidas de que a prática é continuamente mais “rica e complexa do que a teoria, visto que contém mais elementos do que a consciência é capaz de captar, porém só pode ser apreendida à luz de um conhecimento teórico” (CASSIN, 2015, p. 04), porém essa diferença não dicotomiza a teoria da prática, ao contrário demonstra o quanto o profissional precisa acessar a teoria que o possibilitou atuar nas práxis.

O assistente social, além de estar inserido em igualdade de vivência nas relações humanas da vida em sociedade, carrega consigo uma antagônica, revolucionária e transformadora teoria apreendida ontologicamente pela categoria e que objetiva modificar a realidade ou, quando não, o possibilita a construir, a partir desta mesma realidade, instrumentos que podem contribuir para intervenção em suas práticas profissionais.

No caso de uma prática profissional como a do Serviço Social, a teoria permite que o sujeito – assistente social – apreenda seu objeto de ação, seu movimento, sua direção, suas contradições. Neste sentido, ao meu ver, o Serviço Social, ao necessitar conhecer seus objetos de ação e compreender as demandas por seus serviços, encontra, na Teoria Social de Marx, os pressupostos e o método para conhecer a realidade que está posta pela prática social, buscando sua essência (SANTOS, 2010, p. 28).

Portanto, não é possível superar a realidade posta com o discurso racional somente baseado na experiência, sem validar operativamente os saberes apreendidos pela categoria. Segundo afirma Santiago; Gonçalves (2012), esta atitude somente desenvolve, reforça e naturaliza as relações sociais. Logo, a cristalização das relações sociais não poderá ser desmistificada independente da teoria.

Quando um usuário procura um serviço ofertado pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), por exemplo, será que existe a preocupação em conhecer a sua realidade social para além de seu acesso à instituição ou de sua matriz familiar? Qual o âmbito coletivo de sua vivência, ou seja, as condições objetivas de vida desse sujeito: em que situação ele vive? É uma área de risco e vulnerabilidade social? Onde trabalha e qual o tempo de deslocamento da casa para o trabalho? Como é sua vizinhança? Qual o nível de violência de seu espaço urbano? Têm aspirações, desejos, sonhos, frustrações?

Existem serviços públicos de saúde, assistência e segurança, etc.? Ele tem acesso a estes serviços ou existem fatores que o afastam destas instâncias? Os resultados foram registrados em formulários? Todas estas questões, que não se esgotam por si só, são indispensáveis e têm um cunho investigativo com o

objetivo de que se reconheça o máximo da ambiência daquele usuário, isto é, este processo de abstração se baseia em todas as relações deste usuário para que se alcance uma compreensão mais aproximada de sua realidade, no sentido de transformar os resultados em caminhos para uma possível intervenção.

O Serviço Social não atua apenas sobre a realidade, mas atua na realidade [...] a conjuntura não é pano de fundo que emolduram o exercício profissional; ao contrário, são partes constitutivas da configuração do trabalho do Serviço Social devendo ser apreendidas como tais (IAMAMOTO, 1998, p. 55).

O assistente social, não deve estar relegado ao discurso messiânico e nem ser vítima do sentimento fatalista, contudo, deve valer-se de sua relativa autonomia que, em outros termos, não o deixa restrito somente aos limites, mas o postula com possibilidades que também estão acessíveis em outras instâncias da sociedade. Dessa forma, não cairá no esquecimento de que a ultrapassagem e a transformação dessa conjuntura relatada não provêm somente dele, porém, “[...] de uma vontade coletiva majoritária, capaz de articular múltiplos interesses no âmbito da sociedade civil [...]” (IAMAMOTO, 1998, p. 162).

Apreendendo os fragmentos como parte do todo sem, contudo, deixar de entender que a complexidade da realidade, apresentada no cotidiano profissional, só poderá ser enfrentada pela análise dialética e crítica da totalidade pela relação entre teoria e prática e, sobretudo, através da “[...] relação entre as dimensões teórico-metodológica, ético-política, técnico-operativa da intervenção profissional [...]” (SANTOS, 2010, p. 02).

Logo, aliar a teoria e prática em todas as tramas da realidade onde se efetiva seu trabalho, ou melhor, ao conhecimento das demandas institucionais; da sua condição de trabalhador assalariado; das expressões da Questão Social; dos atores sociais; das conjunturas políticas, econômicas e sociais e, por fim, a uma análise crítica do caráter das políticas sociais possibilitará ao assistente social apreender as possibilidades “desenvolvê-las transformando-as em projetos e frentes de trabalho” (IAMAMOTO, 1998, p. 21).

5 Entrevista realizada com assistentes sociais do município de Carangola - MG

Para uma maior compreensão sobre as dificuldades enfrentadas pelos assistentes sociais no que tange a junção entre a teoria e a prática, foi realizada uma pesquisa de campo com cinco assistentes sociais de áreas de atuação diferentes. Neste caso, o objetivo foi procurar entender, basicamente, três questões: qual o referencial teórico que norteia sua prática e qual o entendimento do mesmo? Qual o entendimento sobre a frase “na prática a teoria é outra?”. E, por fim, qual o entendimento que os profissionais têm sobre a teoria marxista para a leitura da realidade?

Pergunta 1 - Qual referencial teórico que norteia sua prática profissional e o entendimento sobre este referencial teórico?

A entrevistada “A”, formada há 7 anos por uma Universidade Federal, que tem seu contrato de trabalho do tipo efetivo/concursado, atuou em diferentes áreas sociais. Possui qualificação profissional em políticas públicas, saúde coletiva e residência profissional em saúde do adulto. Ela respondeu da seguinte forma:

“Eu sou de uma formação marxista, eu vim de uma faculdade em que a gente tinha essa questão da crítica, da teoria muito forte” [...] “Uma coisa que eu falo sempre, que eu

ouvi muito no meu campo de estágio da minha supervisora e ouvi muito dela enquanto profissional, é que não existe isso de teoria e prática, que a teoria é uma coisa e que a prática é outra, e isso sempre me angustiou muito. Como assim? Você estuda quatro anos na faculdade pra chegar na prática você não usar nada do que você estudou? Então não precisa de faculdade, você ia fazer o serviço de qualquer jeito. Eu acho que a gente, todos os dias “a gente é posto à prova pra que a gente rompa com a nossa teoria e pra que a gente entenda que a prática não tem como ser atrelada à teoria, isso vem da gestão, enfim. Eu tenho todos os dias que embasar naquilo que me formei, naquilo que eu acredito, na garantia de direitos, de pensar sempre no usuário”.

A entrevistada “B”, formada há 2 anos por uma Universidade do Estado, não possui qualificação profissional além da graduação acadêmica. Assim ela respondeu:

“É o de Marx, a questão da sociedade enquanto nós democracia, enquanto nós, a questão do humanitarismo” “[...] Porque é o que norteia a nossa profissão, e aí nós encontramos limitações, dificuldades, não pra nossa classe, mas com o sistema. Aí eu vejo que tudo que envolve a prática profissional, sem o embasamento teórico, é complicado, a gente tenta trabalhar com esse raciocínio, do teórico sim, mas da prática também”.

Já, a entrevistada “C”, formada há 20 anos em Universidade particular, com contrato de trabalho do tipo efetivo, pós-graduada no nível Lato Sensu, respondeu assim:

“Usamos as leis, ECA, Estatuto do Idoso, NOB RH; com esses trabalhamos as questões políticas e sociais”.

A entrevistada “D” é formada há 5 anos pela Universidade do Estado e foi designada por classificação em edital do Estado. Ela pontuou da seguinte forma:

“Código de Ética e teoria marxista” “[...] Código de ética como aspecto norteador de um posicionamento em favor da equidade e justiça social, comprometimento com a população usuária. Liberdade e autonomia do cidadão, apesar das limitações que o usuário tem, mas ele é capaz. Trabalhamos no sentido de desenvolver esta autonomia. Ser um funcional. Defender os direitos deste usuário como diz o Código de Ética”. “Teoria marxista e em termos das bases teóricas a teoria marxista como análise da realidade, estar vendo de perto qual a realidade daquela [...]”. (Grifo nosso).

A entrevistada “E”, formada há 24 anos por uma Universidade Federal, tem um contrato de trabalho do tipo efetivo. Qualificada em Defesa de Direitos Humanos, pós-graduada no nível Lato Sensu, especialista em Políticas Públicas de Assistência, atualmente está se capacitando em outra área referente à Saúde. Sua resposta à pergunta foi:

“Minha formação ocorreu no início da década de 1990, tendo como referência a teoria social marxista”. “Sobre a teoria marxista o entendimento é [...] uma teoria hegemônica, crítica e voltada para as demandas da classe trabalhadora, na construção dos direitos sociais”.

Pergunta 2 - Qual entendimento que estes profissionais têm sobre a frase “na prática a teoria é outra?”

A entrevistada “A” foi enfática na sua resposta e respondeu dessa forma:

“Discordo completamente. Porque se sua prática não for atrelada à sua teoria, o seu fazer profissional é totalmente vazio, é um fazer profissional que não tem sentido e que você não está efetivando seu projeto ético político, não está efetivando a política na qual você está inserido”.

A entrevistada “B”, quando questionada sobre a mesma pergunta, fez uma ponderação no que diz respeito aos desafios do início de sua inserção na divisão sociotécnica do trabalho e respondeu assim:

“[...] Estou podendo perceber isso na prática, lá no teórico, ele está muito, está diferente da prática. Nós estudamos a teoria sim, nós precisamos da teoria sim, mas só que, quando nós enquanto profissional, chegamos aqui, a prática é outra. Aí depois a gente passa a entender o teórico pra poder aplicar na prática”.

Já a entrevistada “C” não quis responder no mesmo dia à essa questão, por achar muito complicada, “parecendo ser quase uma prova” achando ser necessário até pesquisar em sites de buscas na internet, por sua vez escreveu dessa forma sua resposta:

“[...] A prática ela não é uma atividade irrefletida de senso comum, porque você não age aleatoriamente. A gente tem um acúmulo de teoria que a gente aprendeu na faculdade, na formação acadêmica, enfim, capacitações ao longo da profissão, e conhecimento qualitativos que adquirimos em nossa formação. É imprescindível o momento de apropriação teórica, porque sem a teoria, a gente ia lidar com as situações de forma leviana, só vendo o senso comum. Às vezes a pessoa acha que não usa a teoria. Usa sim, ela está o tempo inteiro no nosso cotidiano, só que as vezes a pessoa nem dá conta que, os instrumentos que ela está usando no dia a dia. Porque sem a teoria fica difícil, não precisaríamos de ter formação, poderíamos continuar sendo da caridade, da primeira-dama.” [...] a prática não sobrepõe à teoria. A gente acha que a coisa está sendo prático, mas tem todo trabalho teórico por trás [...]”.

A entrevistada “D” disse ter sido necessário buscar capacitação para atuar na instituição onde atualmente trabalha, haja vista que o seu período de estágio supervisionado ocorreu em outro espaço sócio-ocupacional. Logo, respondeu assim:

“Fiz meu estágio no [...] e na faculdade eu não aprendi momento algum como fazer o parecer social desta instituição, tive um pouco de dificuldade. Estudamos a teoria, mas fazer mesmo, quando cheguei lá tive dificuldade, pois quando a gente chega ali para trabalhar a realidade ali é outra. O que eu precisei fazer: pesquisei nas pastas e arquivos que tem na minha sala com todos os arquivos, eu tive que estudar cada um, peguei para saber qual as [...], os termos, etc., sozinha, busquei me capacitar. Cada lugar é uma realidade diferente eu tinha que aliar a teoria à realidade, o código de ética, o referencial teórico, mas a prática do nosso dia a dia é bem diferente, mas na prática a teoria tem que ser a aprendida. O serviço social é uma prática um processo de atuação que se alimenta por uma teoria, que volta a prática no sentido de transformar a realidade, um processo que vai e volta. Tem que estar aliada a prática com a teoria, um contínuo ir e vir frente aos desafios”.

E, por último, a entrevistada “E”, ciente da condição política do Estado e das direções neoliberais que

precariza as políticas públicas e a qualidade dos serviços prestados, incidindo de maneira agressiva sobre os direitos dos cidadãos, respondeu da seguinte maneira:

“Muitas vezes, em nossa atuação profissional, na ânsia em procurar soluções nas resoluções de problemas, corremos o risco em querer atender situações de forma imediatistas em face da política instituída pelo governo neoliberal em que vivemos, comprometendo assim a qualidade dos serviços prestados onde o direito do cidadão nem sempre é visto de forma prioritária; com isso a relação teoria e prática fica fragmentada e muitas vezes o referencial teórico do profissional fica em segundo plano”.

Pergunta 3 - Qual entendimento que os profissionais têm sobre a teoria marxista para a leitura da realidade?

A entrevistada “A”, demonstrando ser necessário o método para a leitura da realidade, preferiu dar ênfase à sua essencialidade e ao entendimento deste por parte do profissional para que não aconteça algum tipo de retrocesso. Logo, respondeu assim:

“[...] essencial, e necessário. Nós que trabalhamos na área social, que somos profissionais com essa formação, eu acho que é exatamente o diferencial da nossa formação. [...] o mais importante a gente entender o método, e que ele é importante no nosso fazer profissional, porque é com ele que a gente vai garantir que não ocorra retrocesso, [...] entender essa materialização da teoria na nossa prática”.

Por seu turno, a entrevistada “B” disse que a necessidade é “jogar na prática” o método e articulá-lo “esse lado que nós temos de movimentos”. Segue abaixo sua resposta:

“[...] se a gente conseguir trazer sobre o método de Marx, jogar na prática, articulando esse lado que nós temos de movimentos, de uma forma mais abrangente, que possa envolver os usuários e nós, enquanto profissional também. [...] Precisa articular mais as ideias, trabalhar de uma forma mais ampla pra atender melhor a população do serviço”.

A entrevistada “C”, por sua vez, disse que o método é importante para leitura da realidade no sentido de fazer o usuário pensar e ele próprio procurar transformar a realidade dele, “botar ele para pensar”. Desta maneira foi sua resposta:

“A gente procura intrigar o pensamento do usuário. Eu pelo menos quando atendo um usuário, eu procuro mostrar, ensinar ele a pensar, a mudar a realidade que ele vive, eu não fico só no atendimento em si, eu procuro mostrar, “botar” ele pra pensar, pra ele investigar, pra ele não ficar só aceitando tudo o que ele tem como realidade. E assim eu tenho conseguido muito sucesso, muito sucesso mesmo. Vi pessoas que iniciaram comigo com [...], chorando, hoje deram a volta, estão trabalhando, estão no mercado, adquiriram armas pra lutar, não ficaram só na recepção que o governo dá. Acho que isso é um pouco da interpretação da teoria”.

A entrevista “D”, demonstrando conhecimento prático do método de Marx, além de responder de maneira muito centrada, procurou dar alguns exemplos de como o método tem funcionado na prática diária do seu fazer profissional. Neste sentido, assim foi sua resposta:

“Precisamos ser capazes de desenvolver uma prática profissional voltada para as Peculiaridades da realidade que a gente atua, com comprometimento com os valores do Có-

digo de Ética com uma concepção social e crítica [...] às vezes estamos com a pasta do aluno, vemos o aluno todos os dias lá, mas não temos noção da vida e realidade daquele aluno ali, então eu gosto muito de fazer as visitas, vou ver qual a realidade daquela família, porque muitas vezes na [...] algumas coisas ficam vagas e você não consegue ver totalmente a realidade, para conhecer a ambiência do usuário”.

E, por fim, a entrevistada “E”, que também não gravou em áudio a resposta, mas preferiu levar o questionário para a casa e responder segundo seu tempo hábil, escreveu a resposta fazendo uma correlação entre o embasamento teórico, a direção social, intervenção profissional e o compromisso ético com os usuários. Desta forma foi sua resposta:

“A meu ver o método de Marx é um embasamento para uma leitura crítica e investigativa da realidade em que vivemos e procura definir a direção social e o campo de intervenção na profissão. Tal leitura deve ser sempre voltada ao compromisso ético com a classe trabalhadora”.

Na contemporaneidade, mesmo diante da apropriação da vertente marxista, ainda percebemos que existem muitos desafios profissionais, resultado das novas articulações capitalistas do ideário neoliberal. Estes desafios continuam avançando no sentido de problematizar as possibilidades da atuação profissional, e, devido a isso, em muitos casos, o assistente social é constantemente pressionado a dar sentido às ações profissionais tendo como base o pragmatismo profissional, ou seja, dando respostas imediatas, minimalistas e destituídas de uma prática dialética, reflexiva, crítica, interventiva e emancipatória aos usuários dos seus serviços.

Indiscutivelmente que, devido à amplitude do tema, esta pesquisa não é suficiente para equacionar todas as questões que envolvem essa discussão, no entanto, diante das pesquisas realizadas por este trabalho, a modo de conclusão, ficou compreendido que o bojo teórico/prático contra hegemônico, resultado do conjunto das grandes conquistas da categoria profissional que posicionou a categoria ao lado da classe trabalhadora, o trabalho coletivo e o Projeto Ético Político Profissional são fatores fundamentais à ultrapassagem do imediatismo profissional.

Em linhas gerais, todas as questões abordadas foram respondidas pelos assistentes sociais. Uma parcela destes profissionais, como demonstrado no resultado das entrevistas, não tem uma completa clareza do acúmulo teórico adquirido no decorrer do processo de formação e, muito menos, uma compreensão mais apurada do método de Marx para a interpretação da realidade.

Alguns assistentes sociais, mais do que outros, estão trabalhando com precárias condições estruturais, com salário aquém de suas necessidades, sem apoio compromissado da administração pública atual, sem telefone, sem internet e sem o sigilo profissional. Entretanto, todos os profissionais foram unânimes em relatar que as condições do trabalho, as demandas profissionais, dos usuários e das instituições, constituem grandes desafios à prática profissional.

6 Considerações finais

Diante de todas as abordagens, considerações e reflexões realizadas nessa pesquisa, conclui-se que o percurso para a ultrapassagem do pragmatismo profissional é procedente do rompimento do discurso dissidente entre teoria e prática. Entretanto, haja vista a dinâmica da realidade e tudo o que a ela se relaciona, isto é, o cotidiano profissional, as questões políticas, econômicas e sociais, “a intervenção deste profissional enfrenta a necessidade de renovação e mudança, como resultado das transformações que ocorrem nas relações sociais” (YAZBEK, 2009, p. 16), inerentes ao capitalismo.

Assim sendo, é preciso considerar a historicidade da profissão e como seu bojo teórico-metodológico foi construído para além do individualismo, endocentrismo e imediatismo intrínseco da sociedade burguesa. Foi nessa lógica que o Projeto Ético-Político foi construído, expandiu-se e, ao longo dos anos, tornou-se apreendido pelos assistentes sociais. Contudo, é necessário, também, ter a firme convicção de que, atualmente, o gigantesco desafio profissional “é, pois, transitar da bagagem teórica acumulada ao enraizamento da profissão na realidade, atribuindo, ao mesmo tempo, uma maior atenção às estratégias, táticas e técnicas do trabalho profissional [...]” (IAMAMOTO; 1998; p. 52).

Por conseguinte, isso não acontecerá sem uma constante troca de saberes mediante a aproximação entre os profissionais e as instituições de ensino e organismos representativos da categoria; sem pesquisas teóricas e práticas que retornam aos discentes, docentes e profissionais em atuação e sem o trabalho multidisciplinar, isto significa que “consideramos aqui a formação profissional como um processo que não se encerra na graduação” (TINTI, 2015, p. 97), mas que se mantém em constante processo.

Dessa forma, entendemos que a formação profissional não pode e não deve estar relegada aos limites da graduação acadêmica, necessária para a atuação profissional, pois a realidade é dinâmica e requer ao profissional “na perspectiva da competência profissional” (CRESS, 2013, p. 107) o compromisso constante de atualizar-se e aprimorar-se intelectualmente, como preconiza o Código de Ética Profissional.

Referências

CASSIN, Márcia Pereira da Silva. **A necessidade de superação do pragmatismo no enfrentamento cotidiano da “questão social”**. In: 3º Encontro internacional de política social, 10º Encontro nacional de política social, Vitória – ES, 2015.

CAVALCANTE, Girlene Maria Mátis & PRÉDES, Rosa. **A Precarização do Trabalho e das Políticas Sociais na sociedade capitalista: Fundamentos da Precarização do Trabalho do Assistente social**. In: Revista Libertas, Juiz de Fora, v.4, n.1, p. 1 - 24, jul. / 2010.

COELHO, Marilene A. **Imediaticidade na prática profissional do assistente social**. In: Serviço Social: temas, textos e contextos. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

CRESS 6ª Região, 2013. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. In: Coletânea de Leis. Brasília. Resolução do CFESS Nº 273, de 13 de março de 1993.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social**. In: capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais, CFESS/ABEPSS- UNB, 2000.

IAMAMOTO, Marilda Villela, **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____, **Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social**. In: *Serviço Social: direitos e competências profissionais*. Brasília: CFESS/Abeps, 2009.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**: resposta à filosofia da miséria do Sr. Prodhon. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

NETTO, José Paulo; BRAZ Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTIAGO, Daniela e GONÇALVES, Nayla. **Os desafios de efetivação da teoria na sistematização da prática profissional do assistente social**. In: III Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais: CRESS 6ª Região, 2012.

SANTOS, Claudia Monica dos. **Na Prática a teoria é outra? Mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social**, Rio de Janeiro: Lumen Juris editora, 2010.

TINTI, Éliidi Cristina. Dilemas **entre teoria e prática a partir da formação profissional e das condições objetivas do trabalho cotidiano**. In: *Capitalismo, trabalho e formação profissional: dilemas do trabalho cotidiano dos assistentes sociais em Ribeirão Preto* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 97-131. ISBN 978-85-7983-655-8. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>.

VASQUEZ, Sanches A. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

XAVIER, Arnaldo, MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Reflexões Sobre a Prática Profissional do Assistente Social:** relação teoria-prática, historicidade e materialização cotidiana. In: Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 13, n. 2, p. 355 - 365 jul./dez. 2014.

YAZBEK. Maria Carmelita, **Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social.** In: *Serviço Social: direitos e competências profissionais.* Brasília: CFESS/Abepss, 2009.